

- LITER*A*TURA

# A MESTIÇAGEM NO RELATO METAFICCIONAL DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

**Helena Bonito Couto Pereira\***

*Resumo:* A mescla de colonizadores portugueses, grupo hegemônico, com aborígenes e negros configura o processo fundacional da sociedade brasileira. Em tempos de metaficção historiográfica, criam-se textos literários capazes de reler de outro modo esse processo para discutir os efeitos da mistura inter-racial e intercultural. É essa a discussão em torno de *Viva o povo brasileiro* (1984), que problematiza as relações entre os três conjuntos étnicos e culturais a partir dos quais se formou o povo brasileiro.

*Palavras-chave:* *Viva o povo brasileiro*; mestiçagem; metaficção historiográfica.

*“Cada rico morto são dez pobres vivos [...] e em cada dez pobres nove são pretos e o outro raceado, ou pelo sangue ou pela vida que leva.”*

(João Ubaldo Ribeiro)

O tema da mestiçagem repercute intensamente em *Viva o povo brasileiro*, poderosa reinvenção da vida cotidiana na Bahia ao longo de três séculos, publicada por João Ubaldo Ribeiro em 1984. No relato de episódios ficcionais, associados livremente a fatos históricos, mostra-se a miscigenação entre colonizadores portugueses, aborígenes e negros trazidos da África, que se configura como processo fundacional da sociedade brasileira.

As peculiaridades das interações entre os três conjuntos étnicos responsáveis pelo povoamento do país trouxeram como resultado uma composição socio-

\* Decano de extensão da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Letras da mesma instituição.

cultural e artística única, a partir da qual o texto literário constrói uma representação ficcional que, permeada de ironia, expõe a complexidade de um Brasil em formação.

Como observa García Canclini (2007, p. 17), nos processos de mestiçagem ocorridos nas Américas, o grupo branco pôde impor suas tradições e sua cultura de maneira hegemônica por *una serie de operaciones de selección de elementos de épocas distintas [...], en un relato que les da coherencia, dramaticidad y elo-cuencia*. No âmago dessa imposição, formou-se uma literatura feita por e para brancos, em que as vozes dos demais grupos, salvo raras exceções, foram silenciadas. Na contemporaneidade, novas modalidades de problematização da mistura inter-racial e intercultural trazem em seu bojo a oportunidade para a expressão das vozes anteriormente excluídas. A metaficção historiográfica é uma dessas modalidades, em que o narrador, ao recriar o passado, explicita sua própria presença, em um texto marcado por *intensa autoconsciência* ou *autorreflexividade* (HUTCHEON, 1991, p. 150). Como o passado só pode ser reconstituído com base em *seus vestígios textualizados* (HUTCHEON, 1991, p. 157), as verdades, no plural, motivam diferentes maneiras narrativas e suscitam interpretações variadas. A metaficção repele a perspectiva única, monológica, abrindo espaço para a enunciação das vozes dos *outros*. Esse recurso permite ainda ao narrador indicar que não se empenha em obter alguma (impossível) imparcialidade, tampouco é movido pelo desejo de estabelecer uma (inexistente) verdade incontestável.

*Viva o povo brasileiro* (RIBEIRO, 1984) é uma narrativa ficcional de caráter historiográfico que encena as relações entre os três conjuntos étnicos e culturais no processo de miscigenação pelo qual se formou esse povo. As relações inter-raciais são representadas no quadro da hegemonia do grupo de brancos que detêm a riqueza, os bens e o poder político, grupo que eventualmente acolhe personagens de diferentes origens. A acolhida, para acontecer, depende de uma condição econômica privilegiada, capaz de relegar a plano secundário qualquer diferença étnica. Ribeiro (1984) demonstra que, quando o pertencimento a um grupo racial não dominante ou mestiço deixa de ser fator impeditivo para a inclusão na minoria branca, a origem torna-se um problema a ser cuidadosamente camuflado e, aos poucos, apagado, conforme desvendam os procedimentos narrativos comentados adiante.

Os três conjuntos étnico-culturais, em contato uns com os outros, modificam-se e perdem parte de seus componentes distintivos, o que torna a mestiçagem ou hibridação um processo desarmonioso e conflitivo. Os membros dos grupos não dominantes e os mestiços que não contam com riqueza ou poder são submetidos a uma integração lenta, em meio a contradições, brutalidade e violência.

Por se estender ao longo de séculos, *Viva o povo brasileiro* mobiliza um enorme contingente de personagens, associadas basicamente a dois grandes grupos. Um deles, formado pela fusão de indígenas com europeus, constitui um primeiro núcleo da diegese, que se inicia em Itaparica, no século XVII, protagonizado pelo caboclo Capiroba. Levando-se em conta que o caboclo é fruto de uma mestiçagem anterior entre indígenas e brancos ou negros, o evento seguinte na miscigenação ocorre pelo relacionamento sexual de uma das filhas de Capiroba com um prisioneiro holandês, que seria sacrificado em seguida. Sucessivas miscigenações com negros levam o grupo descendente de indígenas a desaparecer de cena, praticamente sem deixar vestígios culturais, de modo que os descendentes remotos de Capiroba participam do grupo que vive na senzala e cultiva no *terreiro* suas crenças religiosas, de origem africana.

Pode-se considerar o primeiro grupo como reduto dos excluídos, a que se contrapõe outro grupo, identificado com a minoria branca, com acesso facultado a mestiços (ou negros, ou índios) que reúnam determinadas condições de caráter econômico. O narrador atribui participação de destaque inicialmente ao fidalgo português Perilo Ambrósio, barão de Pirapuama, porém, ao longo da narrativa, sobressai no grupo a figura de Amleto, fruto do rápido relacionamento de uma negra com um marinheiro inglês. Embora submetido a humilhações e afrontas contínuas, o personagem tudo releva para assegurar sua permanência entre os brancos, em episódios que satirizam a estrutura social da Bahia no período da independência. Esperto e ambicioso, ele planeja meticulosamente e efetua o próprio “branqueamento”, condição indispensável para seu ingresso no mundo dos *gabinetes*, ou seja, para sua ascensão social e econômica. A trajetória desse grupo, composto pela descendência de Amleto, estende-se ao longo do século XIX.

### DA MALOCA AO TERREIRO

Um dos marcos cronológicos iniciais da narrativa situa-se em 1647, período de intensa pregação jesuítica. O narrador assume o ponto de vista dos colonizados que são expostos à doutrinação, salientando as dificuldades de compreensão com que se defrontam muitos deles. O relato irônico evidencia, acessorariamente, que a incapacidade de compreensão de índios e caboclos resulta da incompatibilidade entre as crenças ancestrais e a novidade cristã e, mais ainda, de contradições doutrinárias mal resolvidas:

*[...] deu-se forte atenção ao Bem e ao Mal, cujas diferenças os habitantes da Redução não compreendiam se explicadas abstratamente, e então, a cada dia acrescentava-se um novo item a listas que todos se empenhavam em decorar com dedicação. Matar um bicho: pôr na lista do Mal. Não. Sim. Não. Sim, sim. Não, a depender de outras coisas da lista do Mal e das coisas da lista do Bem. Sim, talvez. Poucos – e muito menos o caboclo Capiroba – podiam gabar-se de conhecer essas listas a fundo e apenas dois ou três sabiam versões que, cada vez que eram repetidas, mudavam um pouco e se tornavam ainda mais misteriosas.*

*[...]*

*E com essas e outras razões e enredos mostrou-se que não se devia mais comer gente, ato dos piores entre os mais pecaminosos, costume pérfido que, se antes os moradores da Redução nunca tinham ouvido falar dele, agora os fazia estremecer por haverem sido capazes de tais malfetorias e os dispunha a para sempre arrepende-se em penitências. E, enquanto a maioria encontrou alguma dificuldade em compreender como tinham feito alguma coisa que nunca souberam que tinham feito, no caso do caboco Capiroba houve uma piora na moléstia da cabeça (RIBEIRO, 1984, p. 34-35, 37).*

Instaura-se a sátira à catequese jesuítica, cujas contradições se evidenciam na paródia ao seu discurso. A lógica dos interditos e das ameaças não repercute na lógica do catequizado. Ao contrário do resultado esperado, não só o caboclo deixa de assimilar os valores e as práticas preconizados pelos evangelizado-

res, como tem uma “piora na moléstia da cabeça” e inicia-se na prática da antropofagia, passando a fazer “alguma coisa que nunca soubera que tinham feito”. São suas vítimas muitos dos brancos que surgem na ilha, como Heike Zernike, ou Sinique, o holandês que tem um relacionamento sexual com Vu, filha do caboclo, do qual resulta Dadinha, a personagem mestiça que, no marco cronológico seguinte, situado em 1821, conduz parte da trama. Na ocasião, Dadinha completa cem anos e profere um longuíssimo discurso, em linguagem arrevesada, com sucessivas (e às vezes hilariantes) transgressões à norma culta. Expressa a voz dos negros para estabelecer o contraponto em relação à história oficial que os ignora. Sua extensa fala engloba episódios históricos, crenças cristãs e africanas, curandeirismo, vida cotidiana, versos e rimas populares, criando um ponto de vista correspondente à cultura dos excluídos:

*No setechento, no setenta ou oitenta [...] chegou Darissa da Bissínia, que era maluco, maluco, muitíssimo variado. A cidade da Bissínia é Diz-Abobra, ele porém não trazendo abobra, trazendo religião antiga, que aqui não pôde combater. [...] Pestenção nas santidades: todos os santos, muntcho bem, muntcho bem, Santo Antônio, a Santa da Conceição, muntcho bem, mas se valha mais do santo de sua cor; lembrando que negro escravo não usa nem baeta de Holanda nem cordão de ouro. [...] Um padenosso, uma vemaria. Banho de cheiro, ariaxé, bote nele arruda, bote nele marvarrosa, mangiricão, vassorinha, bote alecrim, toque fogo na paia, faça incenso, defume bastante, pronto. Dor de cabeça, o seguinte: são Fravião pergunta a são Lorião – aonde vais, Lorião, Ao que le responde Lorião – vou ao rio do Jordão, por onde andou são João... (RIBEIRO, 1984, p. 69-70).*

Dadinha sintetiza a saga dos africanos trazidos ao Brasil e revela o cadinho cultural e espiritual resultante da miscigenação, ressaltando, ainda, que sua origem não é exclusivamente negra, com a referência a Vu: “minha avó Vu não falava língua, falava gritos” (RIBEIRO, 1984, p. 65). Sua posição de destaque como mãe de santo no terreiro leva as demais personagens a aprender o que podem com ela, representante por excelência da transmissão oral que enforma o sincretismo característico da cultura brasileira.

Dadinha estabelece o elo entre a cabocla Vu, sua ancestral, e sua neta Vevé, que protagoniza, posteriormente, outro episódio de mestiçagem entre brancos e negros, ao ter uma filha, Maria da Fé, em consequência do estupro perpetrado por Perilo Ambrósio, o fidalgo português em torno do qual se concentra o grupo dominante. Cabe a Maria da Fé, a jovem “raceada”, protagonizar a luta por igualdade e justiça, que se faz acompanhar do resgate das tradições africanas, agora afro-brasileiras. Em paralelo, uma trama romântica aproxima Maria da Fé de um dos descendentes do outro grupo, como se comenta adiante, alcançando a superação moral de uma longa história de agressões, violência e abuso a que tantos de seus ancestrais foram submetidos.

## **LONGE DO TERREIRO, RUMO AO GABINETE**

Inicialmente esse grupo tem como protagonista Perilo Ambrósio, um crápula da pior espécie, que se aliou rapidamente às tropas de D. Pedro I, empregando para tanto expedientes muito cruéis, como o assassinato de um escravo e a mutilação de outro, para simular grandes lutas e ferimentos em batalha. Considerado herói, agraciado com o título de barão de Pirapuama, Perilo age

com arrogância e desonestidade, não hesitando em apropriar-se de modo fraudulento da herança de sua família. Além disso, casa-se com uma viúva rica, para aumentar seu patrimônio.

A crueldade de Perilo provoca na senzala sentimentos como temor, repulsa e ódio, que vêm à tona quando o barão morre, em meio a sofrimentos indescritíveis, que, saberá o leitor, foram provocados por envenenamento, levado a cabo por uma escrava. Os escravos eram vistos como mandingueiros ou, no pensamento de um feitor, como “feiticeiros da noite, gente madraça que só ela, gente versada nas coisas da pedra cristalina, do poder das almas e das divindades trazidas da África” (RIBEIRO, 1984, p. 133). O narrador não esconde seu posicionamento, que se explicita no seu relato da morte do barão, reiterando seu alinhamento junto aos excluídos:

*Mas que situação, meu Deus, esta dos pretos de nhô barão Perilo Ambrósio de Pirapuama, todo mundo querendo dar risada mas tendo de fazer estas caras compridas de quem perdeu pai, mãe, irmão, as cunhadas mais novas já no ponto e a última quartinha de aguardente. É como se fosse uma festa ao contrário, uma alegria encafiada em posturas melancólicas, uma música tocando somente na cabeça* (RIBEIRO, 1984, p. 181).

Preguiçoso e boçal, Perilo deixa seus negócios a cargo de Amleto, personagem que constitui outra face da mesma moeda, a do enriquecimento dos espartalhões que sabem mobilizar em seu favor todas as possibilidades do sistema socioeconômico, como aponta Dalcastagnè (2001, p. 483). Com sua morte, Amleto vê surgir a oportunidade para simular os maiores cuidados com os interesses da viúva, a quem espolia sem piedade, iniciando assim o próprio enriquecimento. Ele constrói cuidadosamente sua ascensão social e econômica. Filho bastardo de inglês com negra, havia aguentado, impávido, as humilhações que lhe tinham sido continuamente infligidas pelas personagens da elite branca com que convivia. À medida que enriquece ilícitamente, forja um álibi para a situação financeira, recorrendo a uma herança inesperada que sua esposa teria recebido de parentes em Portugal. Planeja meticulosamente e efetua o próprio “branqueamento”, condição indispensável para seu ingresso no mundo dos *gabinetes*, ou seja, para sua ascensão social e econômica. Aos poucos, reescreve a própria origem, começando por renegar a mãe, que só pode frequentar sua casa sob o disfarce de antiga ama de leite. Por intermédio de um clérigo corrupto, compra certidões de batismo falsas, inventa um sobrenome inglês e “funda” a família Ferreira-Dutton. O branqueamento e a ascensão social se consolidam na educação dos filhos, criados com cuidados similares aos dos demais filhos da elite branca, que olham com desprezo para o próprio país, já que se sentem verdadeiros “europeus transplantados”.

Ribeiro (1984) emprega magistralmente recursos como a ironia e a paródia para desmistificar as mazelas de uma sociedade marcada pela desigualdade e por preconceitos de toda sorte. A extensão da narrativa permite-lhe construir detalhadamente o branqueamento de Amleto, em paralelo ao seu enriquecimento, para desconstruir, *a posteriori*, esse falso patrimônio, falso porque foi conquistado pelo roubo e pela falcatura, à custa do sofrimento alheio e do apagamento das próprias origens. A desconstrução não ocorre no âmbito da diegese, já que as personagens da família Ferreira-Dutton, nas décadas seguintes, creem em cada vez mais firmemente na própria origem britânica, à qual acrescentam,

periodicamente, mais algum detalhe associado a nobreza e distinção. No nível do discurso, todavia, episódios enunciados na voz do narrador reaparecem, ora reiterando, ora colocando em dúvida as afirmações anteriores. O processo autoperódico assim instaurado intensifica o posicionamento ideológico do narrador. Podem ser destacados como componentes desse processo desmistificador numerosos episódios relacionados à progressiva renegação da mestiçagem, em ações de Amleto voltadas para a mudança de suas características físicas e para a fixação das características de brancura nos seus descendentes.

O movimento contrário, que enriquece sobremaneira essa desconstrução, provém de um de seus filhos, que, mesmo ignorando as próprias raízes mestiças, assume como seus os valores dos dominados, como se comenta adiante.

### ENRIQUECIMENTO E BRANQUEAMENTO

Na primeira parte do livro, o narrador expõe as ações do esperto guarda-livros, que depois se dedica obsessivamente a apagar os traços da mestiçagem, na própria aparência, no vestuário, nos hábitos, na alimentação. Assim:

*Pensando sobre como ganhara tanto dinheiro, já nem admitia para si mesmo, a não ser vagamente e a cada dia com menos frequência, que desviara os recursos do barão e se apropriara de tudo em que puder pôr as mãos, em todo tipo de tranqüibérnia possível. [...]*

*Todos sabiam, pois havia sido ele mesmo quem contara, embora não fosse verdade, mas disto eles não sabiam – que Teolína herdara uma fortuna de seus tios-avós portugueses de Trás-os-Montes. [...]*

*Comprara terras no sertão, baratas [...]. Plantara fumo na fazenda que adquirira através de Emídio [seu testa-de-ferro] [...] Cortava madeira de lei nas terras abandonadas do barão (RIBEIRO, 1984, p. 203-204).*

De manhã, Amleto precisa lavar demoradamente a cabeça, porque esta “atravessa a noite untada por uma camada espessa de caldo de babosa embaixo da touca para amaciar o cabelo” (RIBEIRO, 1984, p. 201). Na ocasião em que impede Jesuína, sua mãe, de ir ao batizado do próprio neto, esta assim pondera: “– Mas não vejo mal, [em ir] como criada, como ama velha... Depois, quem ia ver parecença entre nós, tu tão branco, tão alvo, cabelo tão liso...” (RIBEIRO, 1984, p. 211). Mas o branqueamento não se restringe ao personagem, pois se efetua pela intensificação de traços também em seus descendentes:

*Pensou gulosamente no primeiro almoço. Tivera dificuldade em acostumar as negras da cozinha e a própria Teolína a essa refeição [...] e revelava desgosto por não ser imitado pela mulher e pelos filhos, especialmente pela mais velha, Carlota Borroméia Martinha Nobre dos Reis Ferreira-Dutton, que educava como uma inglesa, mas que não aceitava seu desjejum de rins grelhados, arenques defumados, mingau com passas, pãezinhos fofos, chá e torrada com geléia. Havia saído tão branquinha, tão alemoada, com sua tez diáfana, seus cabelos claros e finos, seu porte esbelto e frágil [...] tratava-se de uma inglesa de origem, uma Dutton (RIBEIRO, 1984, p. 205-206).*

O narrador reitera seu posicionamento ideológico ao demonstrar que talvez mais grave do que renegar as próprias origens seja o fato de Amleto empenhar-se em denegri-las, em conversas com outras personagens da elite branca:

– *Observe bem, caro major e compadre, [...] que será aquilo que chamamos de povo? Seguramente não é essa massa rude, de iletrados, enfermiços, encarquilhados, impaludados, mestiços e negros. A isso não se pode chamar um povo. [...] O nosso povo é um de nós, ou seja, um como os próprios europeus. As classes trabalhadoras não podem passar disso, não serão jamais povo. [...] pois quem somos nós, senão europeus transplantados? [...] Temos diante de nós talvez a mais hercúlea tarefa já posta diante do homem civilizado [...]. Que somos hoje? Alguns poucos civilizados [...]. Mas, no que depender de mim, e tenho certeza de que dos senhores também, o Brasil jamais se tornará um país de negros, pardos e bugres* (RIBEIRO, 1984, p. 217).

A descendência de Amleto se distribui em dois momentos narrativos. Num primeiro momento, seus filhos correspondem inteiramente ao processo de branqueamento, pois se veem como indiscutivelmente brancos, mas correspondem apenas parcialmente às expectativas paternas de ascensão social. Bonifácio Odulfo é um jovem poeta interessado apenas em futilidades. Clemente André opta pela vida religiosa e chega a monsenhor, mas o narrador descreve impiedosamente as artimanhas para que não se explicitem, aos olhos das demais personagens, suas tendências homossexuais. Carlota Borroméia aceita casar-se com um dos filhos da baronesa de Pirapuama.

Patrício Macário torna-se um caso à parte e adquire significado especial na narrativa. Embora, na voz de seu irmão, “aos quatorze anos, mal sabe as primeiras letras [...] e já fugiu de casa duas vezes” (RIBEIRO, 1984, p. 260), ele encontra sua vocação mais tarde, no Exército, como combatente na Guerra do Paraguai. Convivendo com outros soldados, estarecido com o ambiente de pobreza e falta de assistência a que todos estão expostos, Macário permanece no Exército e estabelece uma crescente identificação com a camada pobre da população. Seu significado aumenta, na narrativa, quando encontra Maria da Fé, transformada em jovem guerreira, já praticamente legendária pela ousadia de suas ações. O breve e intenso relacionamento amoroso que os une representa a superação de conflitos longamente alimentados, de diferenças sociais e raciais praticamente intransponíveis.

Patrício cumpre uma trajetória quase inversa à de seu pai: assume aos poucos uma cultura diferente da que lhe foi passada e, mesmo sem redescobrir os ancestrais negros, com eles se identifica. Adquire assim uma inesperada grandeza, pela autenticidade de seus valores. Por meio dele e de Maria da Fé, preservam-se os valores positivos a serem transmitidos a sucessivas gerações de brasileiros, até que um dia tudo possa mudar. Pela autenticidade de tudo o que representam, o processo narrativo poupa ambas as personagens da exposição à paródia, o que ocorre também com personagens do grupo dos negros e mestiços.

Quanto aos demais descendentes de Amleto, no momento narrativo seguinte, décadas depois, ainda cultivados na ilusão de pertencerem a uma raça “pura”, mantêm essa falsa percepção, que se reitera, como afirmado acima, no nível da diegese, ao mesmo tempo que, pelo recurso da autoparódia, se revela no discurso como farsa.

Assim, quase ao final do livro, um dos trinetos de Amleto contempla seu retrato e os de outros ancestrais, e vê neles figuras de branco com traços europeus:

*Olhou para o retrato do trisavô, sisudo, colarinho alto, pescoço empertigado, sobranceiras cerradas. Branco que parecia leitoso, o cabelo ralo e muito liso es-  
correndo pelos lados da cabeça, podia perfeitamente ser um inglês, como, aliás,  
quase era, só faltou nascer na Inglaterra. Traços nórdicos visíveis.*

[...]

*Bonifácio Odulfo, o bisavô. Henriqueta, a bisavó. Ele parecia com o pai, o mes-  
mo jeito severo, carrancudo até. E ela, a doçura em pessoa [...]. Sorriu para a  
bisavó, teve uma espécie de nostalgia pelo tempo das mucaminhas e da casa-  
grande, uma época simples, pura, sem a violência de hoje em dia, sem as pres-  
sões que hoje mantêm os homens em permanente tensão. [...]*

*E o general aqui ao lado? Homem bonito, de rosto estranhamente suave para  
quem pintou o diabo na Guerra do Paraguai. Devia ter puxado aos parentes da  
mãe, a algum árabe escondido entre os ancestrais da velha Teolina, durante o  
tempo dos mouros na Península Ibérica (RIBEIRO, 1984, p. 566).*

Coroando a sucessão de equívocos, em que os personagens entram no engo-  
do aplicado pelos que os antecederam, perpetuando o ciclo de mentiras e pre-  
conceitos, acrescenta-se mais uma ironia do narrador, que reitera a reescrita  
autoparódica do passado. No diálogo entre primos, ainda diante dos retratos:

– *Que cara tinha o monsenhor, hem? Você não acha que ele tinha uma cara  
safada não?*

– *É assim, meio safada, meio marota, é verdade.*

– *E ele era. Você nunca ouviu as histórias sobre ele não? Passava aquelas bea-  
tas todas! [...] Não duvido que a gente tenha uma porção de primos, assim meio  
eclesiásticos, lá na Bahia.*

– *Com certeza, e tudo crioulo.*

– *Mulatinhos.*

– *Crioulos. Todo baiano é crioulo (RIBEIRO, 1984, p. 567-568).*

Esses capítulos finais destinam-se, portanto, a reafirmar como cada relato  
constrói e sustenta *verdades* que se desvendam aos olhos do leitor como equi-  
vocadas ou absolutamente falsas. O narrador revela as artimanhas de Amleto  
para a ascensão social por meio da negação da mestiçagem, dedicando-se a  
desconstruir sua biografia fictícia forjada com tanta premeditação. Já se obser-  
vou que as diferenças étnicas e culturais não se fundem sem contradições, mas,  
ao contrário, com violência. Nesse caso, um dos componentes primários, a ori-  
gem negra, dissolve-se nos outros e acaba por perder suas marcas individuais  
próprias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Viva o povo brasileiro* põe em evidência a identidade negra e mestiça, de-  
monstrando como diferenças culturais, religiosas e raciais resultaram em fu-  
sões problemáticas, pela violência com que foram empreendidas sob o jugo do  
grupo dominante. A simples presença da mestiçagem não impede a desigualda-  
de, o preconceito ou a opressão. Como revela a trajetória de Amleto, à primeira  
vista a mestiçagem poderia simplesmente contribuir para a reafirmação do pre-  
conceito, o que não se verifica na obra graças ao posicionamento ideológico do  
autor. Recorrendo a ironia e paródia, o narrador desconstrói impiedosamente o

processo de branqueamento que se realiza pelo apagamento da mestiçagem e das raízes negras. Em contrapartida, reitera positivamente tradições e valores preservados pelos grupos de origem mestiça ou negra.

As divergências instauradas no processo autoparódico têm como efeito o desvendamento do potencial de distorção (ou de multiplicidade) existente em cada relato. O reconhecimento da impossibilidade de se estabelecer uma verdade histórica, única e indiscutível, implica a oportunidade de ouvir as vozes dos excluídos.

Acompanhando criticamente a formação de uma sociedade escravocrata eivada de preconceitos, *Viva o povo brasileiro* desemboca em um Brasil já urbanizado, praticamente contemporâneo, em que a diluição das marcas da mestiçagem não impede o leitor de perceber como seus efeitos ideológicos se perpetuam nessa sociedade.

## REFERÊNCIAS

BHABA, H. K. Disseminação – o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: \_\_\_\_\_. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

DALCASTAGNÈ, R. Da senzala ao cortiço – história e literatura em Aluísio Azevedo e João Ubaldo Ribeiro. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 42, p. 483-494, 2001.

GARCÍA CANCLINI, N. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Paidós, 2007.

HUTCHEON, L. *Uma teoria da paródia*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

\_\_\_\_\_. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

\_\_\_\_\_. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

RIBEIRO, J. U. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

WHITE, H. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 2001.

PEREIRA, H. B. C. Miscegenation in João Ubaldo Ribeiro's metafictional narrative. *Todas as Letras* (São Paulo), v. 11, n. 2, p. 9-17, 2009.

**Abstract:** *The miscegenation of Portuguese settlers, the hegemonic group, with aborigines and blacks shapes the foundational process of Brazilian society. In times of historiographic metafiction, one sees the creation of literary texts able to re-read this process in another way in order to discuss the effects of interracial and intercultural mingling. This discussion of Viva o povo brasileiro (1984) questions the relations among the three ethnic and cultural groups from which the Brazilian people has been formed.*

**Keywords:** *Viva o povo brasileiro; miscegenation; historiographic metafiction.*